

7.03.99 – Antropologia

A Umbanda salva a desigualdade de gênero?

Daniella Pinto Pereira Boccuto¹, Teresinha Bernardo²

1. Pesquisadora da Fac.de Ciências Sociais da PUC-SP

2. PUC-SP - Departamento de Antropologia /Orientadora

Resumo:

A análise das desigualdades sociais dentro da hierarquização de cultos religiosos é necessária uma vez que entendemos as desigualdades engendradas na cultura, não fugindo do seu principal escopo, a sociedade capitalista fundada no patriarcado. O discurso religioso que atravessa a expressão do feminino dentro da Umbanda é formado através de um contexto sócio-político, econômico e histórico que não deve ser ignorado, bem como deve ser esquecida a resistência da autoridade feminina nas religiões afro-brasileiras. Composta por análises bibliográficas prévias às observações etnográficas e entrevistas de campo, a pesquisa tem caráter qualitativo entrando em contato aprofundado com dois templos umbandistas que serviram de interlocutores do trabalho.

A pesquisa investigou como se dão as relações de gênero dentro do culto umbandista na cidade de São Paulo, afim de compreender como se apresenta a influência matrilinear das tradições religiosas africanas dentro da dinâmica sincrética da Umbanda, identificando a voz exercida pelas mulheres no interior da hierarquia dos cultos e entendendo a particularidade das suas relações e desigualdades enfrentadas.

Autorização legal: PIBIC-CEPE

Palavras-chave: Umbanda, desigualdade de gênero, sincretismo.

Apoio financeiro: PIBIC-CEPE

Trabalho selecionado para a JNIC pela instituição: PUCSP

Introdução:

A sociedade capitalista fundada em relações desiguais de gênero exerce seu poder em todas as dimensões sociais, os cultos religiosos não fogem desse escopo e reflexões sobre a posição das mulheres nos espaços se faz urgente.

Ao compreender a Umbanda na peculiaridade do seu sincretismo, a pesquisa na área da Antropologia investiga como se dão as relações de gênero dentro da hierarquia dos cultos umbandistas na cidade de São Paulo e como é exercida a voz e força das mulheres nesses espaços, tendo como influência a matrifocalidade do culto do Candomblé.

Metodologia:

Os procedimentos de pesquisa envolveram a análise bibliográfica sobre o tema, observações de campo, os registros etnográficos e a análise das entrevistas realizadas com a chefia de duas casas de Umbanda na cidade de São Paulo. As casas escolhidas foram o Templo Ser Divino, localizado na Vila Leopoldina e o Templo Aldeia da Mata, localizado nos Campos Elíseos.

O critério de análise para as observações respeita o método comparativo, focando na diferenciação das relações de gênero que operam nesses dois locais.

Resultados e Discussão:

As duas casas têm origem semelhante, com seus dirigentes iniciando os atendimentos dentro dos seus domicílios àqueles conhecidos

que careciam de assistência.

Os dois locais têm chefia masculina, entretanto, as estruturas administrativas organizadas em cargos hierárquicos são de maioria feminina. Já ao que diz respeito dos responsáveis pela coordenação das linhas de trabalho espiritual dos locais, na Aldeia da Mata são temos mais figuras femininas (4 mentoras e 2 mentores distribuídos entre as 6 linhas de trabalho), enquanto no Templo Ser Divino a coordenação é predominantemente feita por figuras masculinas (5 mentores e 1 mentora).

Nos dois locais existe a hegemonia feminina na composição do corpo mediúnico que realiza os trabalhos, embora os dirigentes máximos sendo homens.

Conclusões:

Ao ultrapassarmos a superficialidade inicial da estrutura desses dois terreiros com pais-de-santo no papel de líderes das casas, observamos que a estrutura interna das tarefas e, principalmente das tarefas administrativas, as mulheres continuam em grande número e importância dentro da vida religiosa.

Sob um olhar distanciado, podemos responder a Umbanda não salva a desigualdade de gênero, pela quantidade extensa de templos encontrados com o comandado exercido por homens, pais-de-santo, mas, ao mergulhar afundo na rotina religiosa das duas casas observadas, capturamos a resistência da força e importância feminina para funcionalmente saudável dos trabalhos.

Referências bibliográficas

ABUMANSUR, Sued. Edin – A coisa.

Tese de Doutorado em Antropologia, PUC-SP, 2008.

BERNARDO, Teresinha – A mulher no Candomblé e na Umbanda. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, PUC-SP, 1986.

BERNARDO, Teresinha – Negras, Mulheres e Mães. Tese de Livre-Docência em Antropologia, PUC-SP, 2002.

CONCONE, Maria Helena Villas Boas– Umbanda: Uma Religião Brasileira. Tese de Doutorado em Antropologia, PUC-SP, 1973.

DE OLIVEIRA, José Henrique Motta – Eis que o caboclo veio à terra “anunciar” a Umbanda. História, imagem e narrativas nº 4. 2007.

FOUCAULT. Michel – Microfísica do Poder. Ed. Graal 3ª Edição, 1982.

LANDES, Ruth – A Cidade das Mulheres. Ed. UFRJ 2ª Edição, 2002.

NEGRÃO, Lísias – Entre a Cruz e a Encruzilhada. Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

ORTIZ, Renato – A morte negra do feiticeiro branco. Ed. Brasiliense, 1ª Reimpressão, 1999.

REIS, Joselia Ferreira dos; FREITAS, Rita de Cássia Santos – De Matriz Africana: O papel das mulheres negras na construção da identidade feminina. Fazendo Gênero 9, Universidade de Rio das Ostras, 2010.

SOBRINHO, Antônio Tolara Delgado – O universo simbólico da Umbanda.

VAINI, Salussolia Solange – O sagrado ganha espaço: um estudo de caso sobre a Umbanda.